

TORMES COMEÇOU POR SER UMA REALIDADE DE papelão, inventada pela pena e pela imaginação de Eça de Queirós, no seio de um dos seus últimos romances, *A Cidade e as Serras*. A fonte de inspiração para a invenção daquele que hoje é, porventura, o mais alto lugar queirosiano, a ponto de ter sido escolhido pelo Presidente da República para assinalar, em 16 de Agosto deste ano, a passagem do centenário da morte do escritor, foi a Quinta de Vila Nova, situada na região de Ribadouro, na freguesia de Santa Cruz do Douro (Baião), aonde Eça se deslocou mais de uma vez para tratar de negócios familiares.

A força da ficção queirosiana gerou, entretanto, uma realidade doutro tipo. A realidade de papelão deu origem, primeiro a um topónimo novo – TORMES – que passou a designar a quinta e a casa e por extensão o lugar e a estação de caminho de ferro de Aregos, aonde Jacinto chegou contrariado e expectante, após uma longa viagem de comboio que o trazia da supercivilizada Paris e do sofisticado palácio que ali habitava para as serras portuguesas, para as terras dos seus antepassados. Depois, na sequência de um velho sonho da filha de Eça de Queirós, continuado pelo filho e nora, Tormes transformou-se na Fundação Eça de Queiroz, enfim criada, a 9 de Setembro de 1990, por iniciativa da nora, Maria da Graça Salema de Castro, actual presidente vitalícia, com um património avaliado, em estimativa de 1989, em 187 000 contos.

O projecto cultural da Fundação Eça de Queiroz tem como cais de partida a divulgação e promoção nacional e internacional da figura e da obra do maior nome do romance português oitocentista e visa simultaneamente contribuir para o desenvolvimento da região onde está instalada.

Com o objectivo de transformar uma casa de família na sede de uma fundação cultural, empreendeu-se um plano de requalificação da casa mãe, da zona envolvente, incluindo casas de caseiro em ruína, e da própria quinta, hoje quase terminado, o qual foi viabilizado através de financiamentos obtidos por fundos comunitários.

A componente museológica e arquivística, que reúne espólio queirosiano e familiar e que anualmente merece a visita de um vasto público, tem vindo também ela a merecer a maior atenção, assim como o apetrechamento da biblioteca.

Outra vertente que foi objecto de ordenamento e fomento foi a da vinha e do vinho, fonte primeira de auto-financiamento da Fundação, com o alargamento da plantação e o apuramento da marca Tormes, esse vinho que Eça dizia, ser «*um vinho fresco, esperto, seivoso, e tendo mais alma, entrando mais na alma, que muito poema ou livro santo*».

Fonte de auto-financiamento será também em breve o turismo rural, na sequência do processo de reconversão das velhas casas de caseiros, vocacionadas doravante para receber visitantes, professores convidados, turistas.

O programa anual de actividades da Fundação contempla as áreas do edição, da formação, do turismo cultural, da gastronomia queirosiana, do desenvolvimento rural, da oferta de espaço e serviços diversos.

O projecto da Fundação tem contado com diversos apoios mecenáticos vindos da parte dos seus co-fundadores – J. P. Vinhos S.A., Caixa Geral de Depósitos, Banco Português de Investimento, Câmaras Municipais de Baião, Matosinhos, Póvoa de Varzim, Sintra e Vila Nova de Gaia – e com apoios institucionais de entre os quais cumpre destacar o Governo Civil do Porto e o Ministério da Cultura. Apoio significativo tem também emanado da comunidade intelectual universitária que tem integrado o Conselho Cultura da Fundação.

O Instituto Camões tem com a Fundação Eça de Queiroz um protocolo de colaboração que tem passado pela atribuição de bolsas a estudantes estrangeiros para frequentarem cursos de Verão da Fundação e que neste ano do centenário passou ainda pelo apoio à edição de um álbum de *Retratos de Eça de Queirós – Livro do Centenário* (Campo das Letras, 2000) e à produção de uma exposição itinerante – *Eça de Queirós: Marcos Biográficos e Literários (1845-1900)*.

ISABEL PIRES DE LIMA